

Sem conferência - 10pp.

Entrevista com Walter Paixão em 17 de março de 2004

(Fátima) – Bom Dia, Waltinho Paixão, eu gostaria que você falasse inicialmente da sua ligação com Mesquita, se você nasceu aqui ou veio de um outro lugar. Caso tenha vindo de outro lugar, explique os motivos dessa mudança, a época em que aconteceu e como era Mesquita nessa época..

(Walter) – Bom, Bom Dia. É um prazer. Meu nome é Walter de Almeida Paixão, eu nasci em Mesquita no dia dezoito de setembro de 1952. Nasci na rua da Sabedoria e hoje Emilio Guadagny. Porque hoje Emilio Guadagny. É, nasci em 1952 e em 1954 em homenagem ao grande engenheiro francês Emilio Guadagny que foi contratado por Horácio Lemos e Companhia Ltda, que era proprietário dessas terras aqui, foi então esse engenheiro que teve a possibilidade de fazer a nossa cidade e esse município hoje de Mesquita. Então eu nasci em Mesquita e sempre acreditei desde quando eu comecei a me entender como gente que a melhor coisa que poderia acontecer para Mesquita era a nossa emancipação.

Nasceu em Mesquita

(Fátima) – Como que você tomou conhecimento do movimento de Emancipação pela primeira vez? Eu gostaria também que você falasse sobre os marcos principais desse movimento, a gente sabendo que ele iniciou na década de 50. E as formas da sua participação nesse período todo através dos anos né, e também se você é ligado ou foi a algum movimento social na cidade e até que é participou nesse movimento, tenha participado é desse processo de emancipação.

(Walter) – Bom, Mesquita era bairro de Nova Iguaçu até 1952, ou seja, no dia 28 de abril de 52 foi então o governador do antigo Estado do Rio, Ernani do Amaral Peixoto, levou é Mesquita, é deixou de ser bairro e passou a ser o quinto Distrito do município de Nova Iguaçu. Bom, e aí começa a luta daqueles que moravam aqui em Mesquita. Já em 1962, ou seja, no dia 5 de Maio de 57 houve a primeira reunião pró-emancipação de Mesquita, reunião essa realizada no Clube 7 de Setembro. Esse clube hoje já não existe mais, mais pra quem mora em Mesquita pra poder se situar bem, ele fica na rua, ficava na rua Mister ^{Watkins} ~~Whitkins~~, esquina de rua Maria Mendes Vecchi. Ali em cima onde hoje tem uma pastelaria, funcionava o Clube 7 de Setembro. Bom, esse primeiro processo, infelizmente não se sabe porque, esse processo sumiu lá em Niterói e aí a população mais uma vez se reuniu e já em 87, ou seja, no dia 6 de nove de 87, novamente a população de Mesquita foi às urnas, mas infelizmente novamente não deu quorum. O terceiro é tentativa de nossa, de nossa emancipação ocorreu no dia 28

processo de 57

do onze de 93, mas infelizmente nesse dia choveu muito e Mesquita novamente a tão sonhada emancipação não chegou. E finalmente a quarta edição da nossa emancipação ocorreu no dia 26 do onze de 95. E aí essa história eu conheço bem, porque presenciei, trabalhei e tive o prazer e o privilégio de ser o presidente da Comissão de Emancipação.

(Fátima) – É justamente o que eu gostaria que você falasse um pouco agora, sobre essa parte do plebiscito de 95 até o ato de criação do município em 99. Aí eu gostaria que você dissesse como é que foi todo esse processo, a sua participação.

(Walter) – Bom, é esse processo, ele o terceiro, o que nós chamamos de terceiro, mas que afinal de conta ele é o quarto processo. E no dia 26 de novembro a população tava altamente estimulada e todos aqui apostavam, tinha a certeza que no final da apuração Mesquita, o desembargador Antônio Carlos Amorim depois de observar e de ver todas as máquinas lá e conferir tudo, Mesquita a população teria a tão sonhada Emancipação. Mas durante o ocorrer de toda a nossa votação começamos a observar em diversos lugares onde se acontecia as votações que pessoas que estavam mortas constavam no quorum e quem tava viva não aparecia. Isso começou a ser uma constante durante o dia todo e quando deu por volta de dez para cinco, cinco horas a gente já tinha uma impressão de que o processo tinha passado e que Mesquita teria alcançado a sua tão sonhada emancipação. A população toda no meio da rua, a sede da onde o T.R.E. colocou as máquinas pra poder fazer essas apurações, foram aqui no Tênis Clube de Mesquita, aonde hoje está situada a Prefeitura provisoriamente e nós começamos a chorar. Aqueles que apostavam na emancipação começamos ver que o quorum não teria sido atingido. Dizia então o desembargador Antônio Carlos Amorim que faltavam aproximadamente 6.400 votos. Mas as denúncias começavam a chegar de todas as partes onde haviam votações, e começamos a observar que era verdade aquilo que a gente tava vendo durante o dia, pessoas que já estavam falecidas continuavam no nosso _____ e aí começou a nossa briga através do então hoje prefeito José Monte Paixão que foi o homem que liderou todo esse movimento pra que Mesquita hoje fosse emancipado. Eu acredito que se não fosse através da persistência, da vontade que ele queria ver essa cidade aqui emancipada, a gente hoje continuaríamos sendo distrito do município de Nova Iguaçu. Mas graça a determinação, a coragem, a vontade e a vontade mais do que nunca, vontade política dele Mesquita hoje é o mais novo Município do Estado do Rio de Janeiro.

(Fátima) – Eu queria que você falasse um pouco mais detalhadamente do que você se lembra, acho que você lembra bastante né, sobre a atuação do Comitê, como é que ele foi formado, que tipo de setores né da sociedade participava e qual foi o papel dele no processo de Emancipação a partir do Plebiscito de 95?

(Walter) – Bom, olha só, nós começamos com um núcleo central. Esse núcleo central, nós fazíamos umas reuniões à quinta-feira aqui no Tênis Clube de Mesquita, no salão nobre Tênis Clube de Mesquita que hoje é a Câmara de Vereadores do nosso município. Então nós partimos daqui e procuramos trazer pra esse Comitê Central todos aqueles que apostavam, que gostariam de ver a nossa cidade emancipada. E daí começamos a buscar novos lucros. Então não teve um local de Mesquita aonde a gente não pudesse chegar e fazer, então por exemplo se tinha as ruas e nós tínhamos três ou quatro núcleos da emancipação. Porque as ruas as vezes eram muito compridas, a gente fazia um núcleo por exemplo numa cabeça de rua, num final de rua e na metade da rua a gente fazia um outro Comitê. E a gente foi expandindo essa quantidade de Comitês e eu tenho impressão, que quando chegou nós começamos a se reunir em abril e eu tenho impressão de quando chegou em novembro a gente deveria de ter aproximadamente de 30 a 35 núcleos né de Comitê pró-emancipação. Então eu acredito que todos os segmentos da sociedade estavam engajado na nossa emancipação, a gente sabe que politicamente foi muito complicado porque que nem eles dizem, diziam em Nova Iguaçu, ninguém gosta de perder Receita nenhuma. E logicamente a Prefeitura de Nova Iguaçu, através do prefeito e dos vereadores que tinham mandato naquela ocasião e que representavam o então distrito de Mesquita também eram contra. Mas de qualquer maneira, a grande massa, a grande parcela da população e sim essa parcela que era interessada em nossa emancipação, essa parcela da população ela se movimentou e basicamente é eles tiveram a possibilidade junto com o núcleo central de poder fazer essa transformação e nós chegamos hoje a um novo município no Estado do Rio de Janeiro. A gente sem a participação deles e a gente não seria ninguém. A gente tinha vontade política de poder transformar essa cidade, mas eles também precisavam de alguém que pudessem ajudá-los a transformar essa, a tornar isso em realidade. E essa realidade foi possível através da presença da figura marcante do José Paixão que hoje é o nosso prefeito aqui, através dele né que deu meios e modos de condições pra que esses núcleos pudessem é fazer as reuniões e em todas as reuniões haviam a presença do prefeito, quando o prefeito não podia ir, ia eu, ia o Edmundo ou ia outros companheiros lá pra poder falar sobre a emancipação, mas basicamente em todas as reuniões o prefeito José Paixão estava presente.

(Fátima) – Você falou um pouco de Nova Iguaçu, sobre o que Nova Iguaçu é tinha, não concordava né, a administração com a emancipação de Mesquita. Você podia falar um pouco mais sobre isso, porque umas das coisas que eu tenho lido nos jornais, na imprensa que as pessoas alegam ou alegavam quanto à emancipação é que Mesquita não teria receita para caminhar sozinha não é. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso não é, quer dizer hoje Mesquita é um município emancipado já tem quatro anos né, quase cinco anos né de emancipação e ele está aí. Eu queria que você falasse um pouco desse argumento que as pessoas que eram contra ou ainda são não sei, é elas falavam com relação à questão do orçamento.

(Walter) – É, Mesquita tem quatro anos e três meses de emancipado, mas basicamente da primeira administração só apenas três anos e três meses. Bom, isso era uma alegação política porque Mesquita pra que você possa ter uma idéia quando houve o plebiscito em 95 nós já tínhamos aqui 97 mil eleitores. E aqui sempre foi um grande curral eleitoral é de Nova Iguaçu. Bastavam que os políticos de Nova Iguaçu na época de eleição chegassem por aqui, plantassem uma árvore ou que fizessem uma limpeza de _____, botassem uma iluminação ou que botassem uma manilha pra que a população pudesse ficar satisfeita. Isso acontecia de quatro em quatro anos, então eles alegavam que Mesquita não tinha a mínima condição de poder sobreviver. Isso não é verdade, tanto não é verdade que a gente hoje tem aproximadamente aí em caixa aí em vários setores da educação, juntando os setores da educação, da saúde, pra saneamento básico, pra poder gastar com o pessoal mais de doze milhões de reais em caixa. Mesquita é hoje um dos municípios que não deve nada à ninguém, a gente não tem conta nenhuma pra poder pagar, a gente não deve à previdência, ou seja, a gente não deve nada à ninguém. Agora isso é verdade que a receita não é muito grande, você precisa ter esses recursos seguro na mão pra poder saber de que forma vai investir e pra poder investir bem. A gente não pode aqui sair por exemplo fazendo que nem ta acontecendo agora em três anos e três meses transformar Mesquita, fazer o saneamento básico de toda a cidade numa coisa que não foi feita há cem anos, então isso tem que ser gradativamente, conforme você vai recebendo os recursos, você vai colocando pra lá o mais forte te assegurar. E o problema de Mesquita não é e nunca foi o orçamento, nunca foi a falta de dinheiro, isso era uma alegação daqueles que hoje né, daqueles naquela época aliás tinham o poder, e que era uma forma de poder dizer pra população, ah vocês vão sobreviver com o que se vocês não têm dinheiro? Então isso não é bem verdade, os repasses e mais aquilo que hoje Mesquita recebe a gente vê cada dia que passa aqueles que moram aqui em Mesquita, só aqueles

que não querem ver que começam ver o progresso a chegar. A gente sabe que muito tem que ser feito, mas muito já foi feito na nossa querida Mesquita.

(Fátima) – Eu gostaria que você agora é pensasse uma palavra que estivesse ligada à emancipação de Mesquita, ou seja, que resumisse não é esse sentimento que na verdade hoje é uma fato de emancipação.

(Walter) – Bom, no meu entender a melhor coisa que aconteceu pra Mesquita foi a nossa emancipação. Se libertar de Nova Iguaçu, eu tenho a certeza que foi a melhor coisa que aconteceu com a nossa população. E quem viver, verá isso.

(Fátima) – É, eu queria uma, isso não tá na questão da emancipação, quer dizer não diretamente, mas é que eu vi aquele retrato ali da antiga Brasferro e da Torre e eu estou fazendo um trabalho sobre as memórias da Torre da Caixa D'água. Inclusive vim à época, foi ano passado, é eu vim à Secretaria de Meio Ambiente entrevistar o Professor Ney Alberto que estava frente à Secretaria. Por que? Porque eu fiz, tava fazendo um trabalho de patrimônio histórico e a Brasferro é um patrimônio né, era um patrimônio histórico importante e eu comecei, e ela tava sendo à época ela já tinha sido demolida pra dar lugar à construção da Prefeitura. E eu li em alguns jornais uma polêmica né, que alguns achavam que não deveria ter sido demolida ou pelo menos é preservado a fachada porque era um emblema né, uma fábrica que veio desde a década de 40 se não me engano. Numa entrevista que eu tava com uma das pessoas né que moram aqui, ao invés das pessoas falarem da fábrica em si, elas falaram dessa Torre que era uma coisa muito importante e que ela deveria ter sido preservada, mas ela não foi, foi toda destruída. Quando eu vim aqui na Prefeitura, o secretário então à época falou que ninguém queria que ela fosse destruída, mas foi por conta da, não sei se foi problema técnico e tudo na hora que estavam demolindo o muro e tudo. Eu to vendo ela ali né, e ela volta no Brasão né porque eu já tenho o Brasão, fiz um estudo, ela volta numa capa de livro que eu tive oportunidade de ver. Eu queria que você falasse um pouco disso, o que você acha dessas memórias da Brasferro e porque que não teve nenhuma ação da Prefeitura, não teve intenção. Teve alguma ação para preservá-la? Ou não, ou isso não era, quer dizer, eu queria que você falasse um pouco sobre isso.

(Walter) – Bom, eu também faço parte do coro que não gostaria de ter visto a Caixa D'água ser derrubada. Bom, mas a informação que eu tenho técnica é que ela tava altamente comprometida e

que não havia condição de deixá-la em pé. E eu ainda tentei argumentar, falei na ocasião, até porque é uma memória da nossa cidade que tava indo embora, a gente não poderia simplesmente pegar e destruir uma coisa que faz, que fazia não, que faz parte da nossa memória. Então eu lutei bastante, eu fiz parte desse coro como várias pessoas que moram aqui em Mesquita que já tem aqui muito tempo, porque era um marco que a gente tinha essa Torre ali da Brasferro ali, a Caixa D'água. Mas infelizmente segundo aí estudiosa aí a Companhia que tava fazendo, que tá fazendo a obra da Prefeitura, diz que ela tava, que o solo tava altamente comprometido porque naquela região ali tinha é um reservatório de óleo que era da antiga fábrica Brasferro e que havia contaminado todo o solo e que a parte de sustentação de toda a Caixa D'água, ela poderia daqui mais algum tempo ela vim acontecer de ruir. Então ela é uma Caixa que já não funcionava mais a água, não havia condição nenhuma de colocar novamente ela em funcionamento e aí existe aquela confusão de que deveria ter sido destruído, porque tecnicamente ela poderia dar problemas não sei se agora, mas no futuro aí. É, eu também fazia parte, eu pedi para que não fizessem, inclusive eu também fui candidato à deputado e eu tive a oportunidade de fazer é um calendário e nesse calendário eu coloco como marco de referência da nossa cidade, justamente aquela fotografia que tu tá vendo ali junto com a Caixa D'água. Então a gente não gostaria que isso tivesse acontecido, mas infelizmente não foi uma coisa que dependeu da gente. Tinha um estudo técnico nesse sentido e acabou se colocando a nossa Caixa D'água, a Caixa D'água da Brasferro em baixo.

(Fátima) – É, bom, a gente tá terminando né. É, eu queria saber se você deseja falar mais alguma coisa sobre né a conversa que a gente teve aqui e se você tem algum material que pode ceder pra nossa pesquisa né, e alguma pessoa ou pessoas a indicar para serem entrevistadas, que você considera que sejam importantes.

(Walter) – Sei, olha bem, eu gostaria de indicar o nome do Senhor Edmundo Nascimento, o Edmundo Nascimento que é uma das pessoas que ainda está viva até hoje e que participou inclusive da primeira reunião em 1957. Que ele tem um vasto material com ele né, da mesma maneira que eu também tenho e vou tentar passar aquilo pra ti aqui. O Edmundo conhece bem é todas as fases da nossa emancipação, ele participou efetivamente disso e é uma pessoa que está aí viva. E das pessoas que freqüentaram a todas as reuniões, não deixando de ir a uma reunião nenhuma é a Senhora Neiva, então eu gostaria que você procurasse ela, você vai ver que é uma pessoa apesar de ter uma certa idade, mas que tem uma lucidez muito grande e eu tenho a impressão que ela vai poder passar pra ti

a impressão dela como moradora da nossa cidade, apaixonada que foi pela nossa emancipação porque ela não perdia uma reunião, vinha sempre ela junto ao lado do seu marido. Eles que moram lá no bairro da Chatuba, não importava aonde era a reunião, eles quando não vinham a pé, arrumavam alguém pra poder buscá-los de condução e depois poder levá-los até em casa, independente se a reunião começava às sete ou às oito ou se terminava às dez, ou às onze ou às meia-noite. Eles estavam sempre presentes em todas as reuniões. Então eu acho que essas duas pessoas você poderia procurar, tanto o Edmundo quanto a Dona Neiva que eu tenho impressão que você vai ficar satisfeita com aquilo que eles vão falar. Bom e pra gente poder terminar, a gente quer fazer um agradecimento especial à população, porque o povo acreditou na emancipação, o povo queria a sua emancipação e nós fomos buscar em Brasília. E eu tive a oportunidade, e a gente acabou não conversando sobre isso na nossa fala aí, nas perguntas, mas eu tive a oportunidade de no nosso processo acabou é, não foi um processo simples, o nosso processo como eu disse lá anteriormente quando o Desembargador Antônio Carlos Amorim falou que Mesquita não tava emancipada, nós tivemos que entrar com vários recursos aqui no Rio até parar na capital, e eu tive oportunidade de ir da capital e voltar, de Brasília voltar ao Rio, de Rio à Brasília juntamente com o Prefeito Paixão, mais de 150 vezes. Ele chegou a ir quase 160 e eu devo ter ido aproximadamente 145 a 150 viagens que fiz com ele lá, porque era processo em cima de processo e Nova Iguaçu não queria a nossa emancipação e a gente tinha que a cada processo colocar os documentos que a gente tinha pra mostrar lá em Brasília no Tribunal Superior Eleitoral que apesar da população querer a sua emancipação, mas que o próprio TRE do Rio de Janeiro acabou colaborando pra que Mesquita não fosse emancipada e através de uma farta documentação a gente foi obrigado a tirar sessenta e seis mil xerox de atestado de óbito pra que a gente pudesse comprovar que a nossa listagem do dia 26 de novembro de 95 estava totalmente adulterada. A gente tinha ali a mais cerca de 14 mil e quatrocentos falecidos que faziam parte do quorum, mas o TRE ele não poderia de maneira nenhuma de pronto dizer que Mesquita estava correta e que a emancipação estava correta até porque eles seriam contra eles mesmos. Então em todas as fases do processo no Rio de Janeiro Mesquita não ganhou e tivemos que ir à Brasília e no TSE, aí sim o TSE determinou que o processo baixasse ao Rio de Janeiro e aí as informações foram as mais surpreendentes possíveis. No dia da eleição o Tribunal Superior Eleitoral do Rio de Janeiro dizia no final da nossa apuração que ficava faltando seis mil e quatrocentos eleitores. Depois passados três anos, o TSE determina que seja feita uma depuração com a mesma listagem daquele dia e acontece o seguinte: um processo vem para as duas zonas eleitorais de Nova Iguaçu que são a 83 e a 150 e eles dão a seguinte informação, não faltaram seis e quatrocentas, faltaram seis e

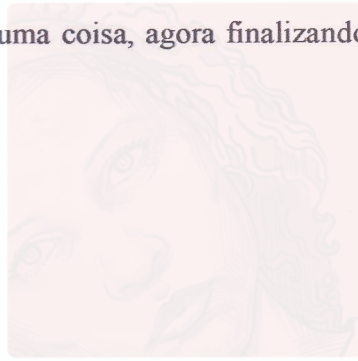
duzentas. Bom, a informática do Rio de Janeiro informa que não faltaram seis mil e quatrocentos e nem dois mil e duzentos, e sim apenas trinta e dois eleitores. De posse dessa documentação, a gente volta pra Brasília com o processo, claro que não na mão, mas enviado pelo Tribunal Regional Eleitoral do Rio pra Brasília e se colocando em votação no Tribunal Superior Eleitoral deu causa ganha à nossa querida Mesquita. Mas o processo ainda não parou aí. Nova Iguaçu insatisfeito ainda foi colocar Mesquita no Supremo Tribunal Federal e lá nós ganhamos mais 10 recursos e aí sim no dia 17 de Setembro de 1999 aproximadamente 2 horas e vinte e dois minutos, eu estava presente na sessão junto com o Prefeito Paixão, hoje Prefeito Paixão, naquela época é o grande emancipador, a pessoa que lutou pela nossa emancipação e às duas horas e vinte e dois minutos aproximadamente começava a se ler o último processo que Nova Iguaçu tinha contra Mesquita e aí sim depois de passado 15 a 17 minutos aproximadamente, quando os senhores ministros começaram a dar o seu voto, ele apertou a minha mão e começou a chorar e dizendo: “ Meu filho, olha nós vamos ganhar a emancipação porque de acordo com o ministro relator, o que ele ta falando ali, a gente não tem como perder a nossa emancipação e assim do dia 17 de setembro de 99 nós conseguimos o Supremo Tribunal Federal a nossa emancipação. Esse processo foi mandado do Supremo Tribunal Federal ao Tribunal Superior Eleitoral, o Tribunal Superior enviou pro Rio de Janeiro e participando que Mesquita é tava emancipada. E aí o Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro encaminhou à Assembléia que fez o Projeto de Lei e no dia 25 de Setembro de 1999 o então governador Antony Garotinho esteve em Mesquita na Avenida São Paulo na presença do então prefeito José Paixão e de uma multidão de mesquitense que sancionou em praça pública a nossa emancipação. Então a gente gostaria que esses fatos também pudessem ficar registrados e a gente tem alguma documentação que eu vou passar pra ti, mas eu acho que é importante se colocar isso pra que realmente a gente possa depois mais tarde contar a estória, e não contar uma estória falsa e sim uma coisa que aconteceu e que a gente não quer só isso pra gente, a gente quer que as pessoas também, que a população que participou efetivamente e até aqueles que votaram contra a emancipação, eles também ajudaram no quorum, porque tanto servia sim como não, o que tinha que ganhar era o sim. Então a gente aqui agradecer a população porque se a população não tivesse ido às urnas pra poder votar pela emancipação, não adiantaria todo esse nosso empenho e a presença da figura marcante e pujante desse homem que se chama José Paixão. Através dessa população é que nós tivemos a condição de ir lá buscar em Brasília o que a gente tinha que ter um quorum mínimo dispensável, e através desse quorum é que nós tivemos a possibilidade de ir buscar à Brasília o que a população queria, que era a nossa tão sonhada emancipação.

(Fátima) – Muito Obrigada, acho que esse depoimento foi importante, e se eu precisar voltar pra esclarecer algum detalhe né que você tenha falado menos e que seja importante para a pesquisa, aí a gente volta. Muito Obrigada tá e até a próxima.

(Walter) – Olha, eu não poderia de maneira nenhuma de esquecer duas pessoas que foram marcantes nesse nosso processo de emancipação com relação aos tribunais. Eu me refiro aos Doutores, Doutor Pedro Gen, advogado e à doutora Rita Maria da Costa que hoje se chama Rita Maria da Costa Paixão que é a esposa do prefeito Paixão. Eles dois atuaram nesse processo tanto no Rio, como em Brasília para que a gente pudesse buscar essa nossa tão sonhada emancipação. Mas conforme eu já tinha dito anteriormente, nós conseguimos a emancipação, mas Nova Iguaçu ainda não se encontra satisfeito com a nossa emancipação e existe hoje no Supremo Tribunal Federal uma ADI, uma Ação de Inconstitucionalidade na qual Nova Iguaçu é busca novamente é a retomada de Mesquita pra Nova Iguaçu. Então é um processo que ainda tá lá, esse processo ainda não foi julgado, ele tá pra julgar a qualquer momento e a gente espera né que n, lá os senhores ministros possam olhar e ver que o que Nova Iguaçu alega não tem nada a ver com Mesquita. O que acontece é que quando foi feito o nosso Plebiscito a lei era uma e quando foi sancionada a nossa lei, a lei já passou a ser outra. Então a lei não pode retroceder pra prejudicar ninguém. O que Nova Iguaçu tá querendo é que essa lei possa retroceder pra poder prejudicar. Então a gente espera que lá em cima lá os senhores ministros possam observar que nós não temos nada a ver com isso. É uma situação nova que foi criada não quando da nossa emancipação ou quando nós fomos lutar pela nossa emancipação. Ali era uma, e quando nós ganhamos no Supremo a lei já era uma outra situação. Então tem uma discussão lá e que a gente espera que possa ser julgada, mas a gente tem tranquilidade, a gente tem toda a documentação, o nosso processo ele seguiu aos tramites normais, nós não tivemos pressa de passar ou atropelar nada e a gente espera que a hora que for colocado lá os ministros possam observar ou adiar e ver que a nossa situação é diferente de alguns outros municípios que aconteceram, principalmente o município do Rio Grande do Sul que é no que eles se baseiam dizendo que nós tamos igualzinho o município do Rio Grande do Sul. Bom, lá no município do Rio Grande do Sul aconteceu uma situação e a nossa situação é totalmente diferente. Então a gente espera que quando for julgado essa DIN, que novamente Mesquita e a população tenha ganho de causa nesse sentido.

Acas
contra
N

(Fátima) - Tá bom então. Você quer falar mais alguma coisa, agora finalizando mesmo? Tá bom então, obrigada.



CEP/INM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ